

Cândido

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ N.129 ABRIL DE 2022

CANDIDO.BPP.PR.GOV.BR



O INVENTOR DO MUNDO

Em tempos de guerra, pandemia e mudanças políticas, especialistas explicam por que a obra de William Shakespeare ainda é invocada para se compreender a realidade e o ser humano

Índice

3 ESPECIAL
Quatro séculos de influência
Luiz Felipe Cunha

12 ESPECIAL
O controverso Shakespeare

16 ENTREVISTA
Corte e sutura
Miriam Alves
por Hiago Rizzi

25 POEMAS
Por baixo de toda camada do mundo
Jessica Stori

30 FOTOGRAFIA
Movimento cruzado
Michele Micheletto

37 ENTREVISTA
Tempo de violência
Ilana Casoy
por Isabella Serena

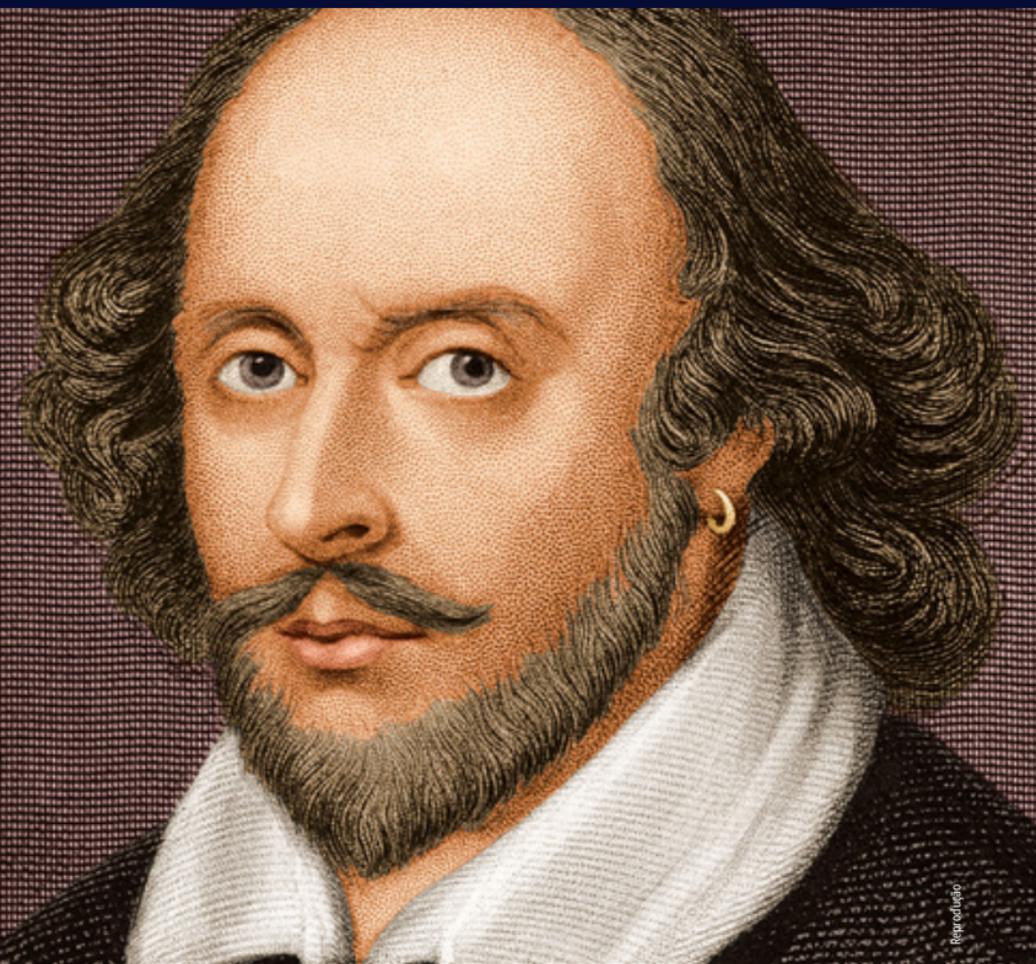
45 CONTO
O homem ao lado
Marcos Pamplona

51 PENSATA
Thiago y yo
Etel Frota



Quatro séculos de influência

Luiz Felipe Cunha



William Shakespeare ajudou a formatar o pensamento ocidental com sua abordagem inovadora de temas como guerra, política, morte, amor e ciúme

Em 1623, quando os ingleses John Heminges e Henry Condell resolveram compilar as obras de William Shakespeare pela primeira vez no livro *First Folio* — hoje avaliado em mais de 9 milhões de libras —, um outro dramaturgo famoso da época, Ben Jonson (1572-1637), fez uma previsão certa no prefácio: “Ele não é de uma época, mas para todo o sempre”. Naquele ano, a Guerra dos Trinta Anos seguia a todo vapor, as colônias inglesas se assentavam aos poucos no território que hoje é os Estados Unidos e a morte do Bardo completava seis anos. “Tu és um monumento sem túmulo, e ainda está vivo enquanto teus livros vivem”, arrematou Jonson.

A afirmação de Jonson é incontestável. Quatrocentos anos após a morte de Shakespeare, ainda discutimos a obra do autor de *Romeu e Julieta*, *Macbeth* e *Hamlet*. Sua influência atingiu artistas de diferentes gerações — de nomes clássicos como Virginia Woolf, Vitor Hugo e Machado de Assis aos contemporâneos Jeremy O. Harris, Jean Hegland e David Foster Wallace. E não apenas na literatura. Produções midiáticas recentes, como o filme *A Tragédia de Macbeth* (2021), dirigido por Joel Coen e com Denzel Washington no papel de Lord Macbeth, ou o roteiro shakespeariano da série *Succession* (HBO), provam que o Bardo nunca sai do radar cultural.

No Brasil, a Nova Fronteira lançou em 2021 o livro *O que Você Precisa Saber Sobre Shakespeare Antes que o Mundo Acabe*, organizado pelas professoras e pesquisadoras Liana Leão (UFPR) e Fernanda Medeiros (UERJ). São ensaios de autores nacionais e internacionais que se propõem a corresponder o desafio proposto pelo título, tendo em vista o contexto de

emergência da pandemia. “Sabíamos que William, que tem algo a dizer sobre tudo o que concerne ao humano, e que foi, ele mesmo, um sobrevivente da peste (...) certamente seria um autor cuja presença seria importante invocar”, escrevem as organizadoras na introdução.

Nesse sentido, o livro também é uma busca por aprendizado e oferece um repertório que faz entender a magnitude de um autor que, até onde se sabe, compôs sonetos e parte do seu trabalho durante a pandemia de peste bubônica que colocou a Europa inteira em quarentena, no início do século XVII. “A ideia surgiu da vontade de não deixar que a pandemia nos aniquilasse intelectualmente ou existencialmente. O livro é uma forma de criar uma comunidade, de se juntar aos pares em torno de algo que a gente acredita que faz sentido e que pode contribuir para que outros encontrem sentidos”, diz Fernanda.

Quando se trata da biografia do dramaturgo inglês mais famoso do mundo, nada é consenso: faltam fontes e os estudiosos batem cabeça para cravar informações (o que resulta em teorias da conspiração, como veremos à frente). Sabe-se que ele nasceu em abril de 1564, em Stratford-upon-Avon, aproximadamente a 160 km de Londres. Supõe-se que o pequeno William, terceiro de oito filhos, frequentou a escola (mas não a universidade, como os intelectuais da época), pois era filho de um proeminente homem de negócios e uma dona de casa. Ademais ajudou o pai no trabalho, casou-se aos 18 anos e teve três filhos.

Mas não se sabe como surgiu seu interesse pela escrita e o teatro, muito menos os motivos que o levaram até Londres. Ou ainda detalhes sobre como se tornou proprietário do Globe, um dos maiores teatros públicos da época — o período entre 1582 e 1592 é chamado pelos especialistas de “anos perdidos”.

A primeira evidência da ascensão de Shakespeare no teatro aparece em uma crítica do escritor Robert Greene (1558-1592) em que não é possível afirmar se ele era fã ou *hater* do dramaturgo. Greene escreve: “Um corvo arrogante, embelezado com nossa plumagem, que com seu coração de

tigre, envolto em pele de ator, pressupõe-se que seja bem capaz de escrever um verso vazio de forma bombástica, como o melhor de vocês: um absoluto faz-tudo”.

Com a chegada da peste em 1593, o comércio e as igrejas fecharam, assim como os teatros e outros espaços públicos. Impedido de atuar ou dirigir, Shakespeare se pôs a escrever algumas peças e sonetos em que dialogava sobre a finitude da vida e o que fazer em um mundo dominado pela barbárie da guerra. Mais tarde, naquela mesma época, outro evento catastrófico iria impactar o Bardo: a perda de seu filho. A partir de então, o tema da morte passou a ser um dos pilares de sua obra.

“A morte está em toda a obra de Shakespeare, do leito conjugal ao campo de batalha. Porém raramente é tratada em termos religiosos”, explica a pesquisadora Liana Leão. “Em geral, a presença da morte leva os protagonistas a questionamentos existenciais.”

Isso pode ser observado, por exemplo, na peça *Medida por Medida*. Em um espaço de poucas linhas, o personagem Claudio muda completamente de atitude diante da morte. Ele está condenado a morrer e inicialmente se considera pronto para enfrentar, com coragem, o seu destino:

*Pois se eu devo morrer,
Enfrentarei a morte como noiva,
Tomando-a em meus braços*

Pouco depois, quando a possibilidade de não mais existir vai se tornando mais palpável, mais concreta, sua coragem inicial o abandona e ele passa temer a morte:

*Porém morrer, sem saber pr'onde vamos,
Jazer no frio e lá apodrecer...
A mais odiosa vida neste mundo —
Cuja dor, idade, cárcere ou penúria
Lançados à natureza — é um paraíso
Diante de nosso temor à morte.*

Liana, no entanto, explica que Shakespeare não nos dá instruções morais e soluções para lidar ou entender o tema polêmico, mas, antes de tudo, ensina que nosso destino está em nós mesmos. “A responsabilidade pela morte e pela tragédia dos protagonistas pode até flertar com a ideia de destino e da vontade dos deuses”, diz a pesquisadora. “Mas, ao fim, a responsabilidade é sempre do indivíduo. Se há uma lição a ser aprendida nas tragédias — e é uma lição universal — é esta.”

Falando em universalidade, Harold Bloom (1930-2019) — considerado o crítico literário mais importante do mundo — abordou extensivamente a obra do Bardo no livro *Shakespeare: A Invenção do Humano* (Objetiva, 2000). Para ele, o dramaturgo inglês deu dimensões e camadas complexas para o ser humano, antes inexistentes, e “inventou o homem”. “Shakespeare é o maior inventor, não só de personagens morais, mas da personalidade humana em toda a história da literatura ocidental e talvez universal”, disse Bloom em entrevista à *Folha de S. Paulo* à época do lançamento do livro.

Para exemplificar a premissa de Bloom, Liana Leão fala sobre um tema específico: o ciúme. “Ao longo da História, o ciúme já foi considerado como moralmente justificado”, diz. “Na literatura grega, na *Ilíada*, Menelau inicia a Guerra de Tróia para vingar uma humilhação pública: a infidelidade de Helena é um insulto à moral daquela sociedade.”

A especialista explica que o ciúme é entendido em termos de imperativos morais, honra e adesão ao seu papel social. Shakespeare, pelo contrário, retrata o ciúme e a suposta infidelidade de modo inteiramente diferente, muito mais próximo da nossa compreensão contemporânea do ciúme. “Hoje não priorizamos mais a ligação entre honra e ciúme (ciúme ligado à preservação da honra e integridade da família, socialmente sancionado como resposta à infidelidade). Hoje o ciúme é um sintoma de imaturidade, possessividade, neurose, instabilidade, insegurança”, diz.

Outro tema que aparece na obra de Shakespeare é a política, principalmente em peças históricas como *Henrique*

VI (partes I, II e III), *Ricardo III* e *Ricardo II*, *Vida e Morte do Rei João*, *Rei Lear* (que ganhou uma adaptação poética na premiada série da HBO *Sucessão*, principalmente no que diz respeito aos embates acalorados entre pai e filho) e *Hamlet* (inspiração total para a uma das animações de maior sucesso da Disney, *O Rei Leão*). Todas essas peças narram, pode-se dizer, a história política da Inglaterra. Então podemos ver ali deposições de reis, derrotas em campo de batalha e coroações que vão desde os anos 1300 até 1485.

Geralmente, as tramas políticas têm como pano de fundo a guerra. Vale ressaltar que o período em que o Bardo viveu era constantemente marcado por elas, então nada mais natural que Shakespeare fosse influenciado pelo tema, mesmo quando escreve comédias (*A Comédia dos Erros*, *Noite de Reis*, *Sonho de uma Noite de Verão*).

“Essas peças nos fornecem toda a gama de reações possíveis à guerra. Retrata o heroísmo e também a futilidade da guerra. Permite-nos indagar sobre quem se beneficia em deixar a guerra acontecer, quais grupos sofrem mais ou menos, quem lucra com a vitória ou a derrota — essas são questões políticas”, salienta Liana.

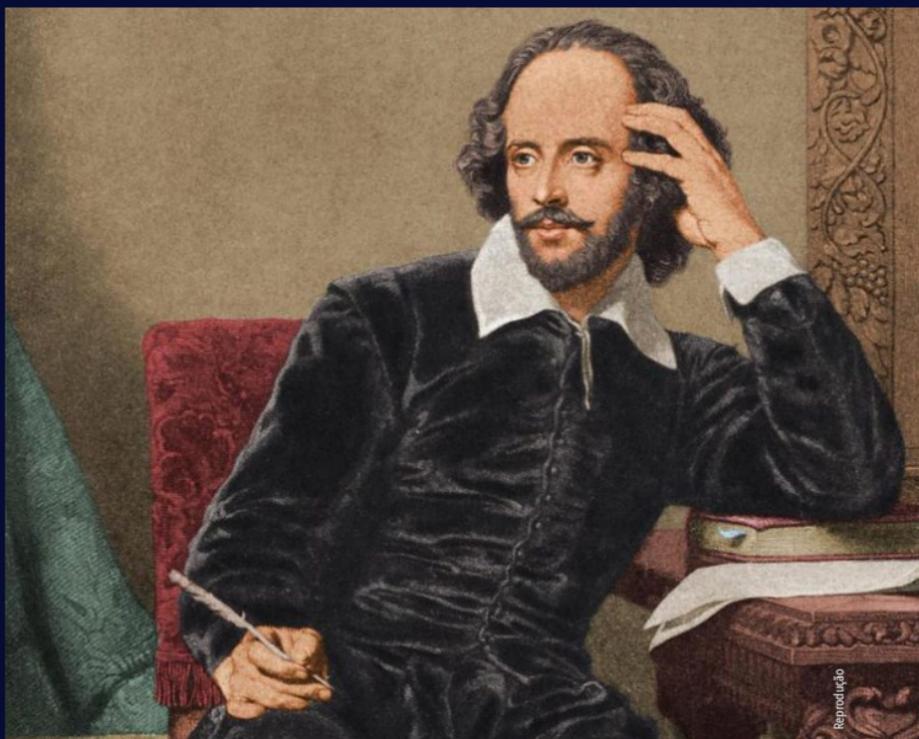
Shakespeare é um desses autores que, quanto mais se estuda, novos caminhos de interpretações são descobertos. Ele explorou a alma humana com clareza e beleza, revelando e inventando o homem moderno (como apontou Bloom). Quando morreu, aos 51 anos, em 1616, já era conhecido em seu país, fez parte da companhia de teatro da corte e comandou alguns teatros londrinos. Em sua lápide, há um pedido: “Pelo amor de Jesus, abstenha-se de cavar a poeira aqui encerrada. Abençoado seja o homem que poupar essas pedras, e maldito seja aquele que remover meus ossos”.

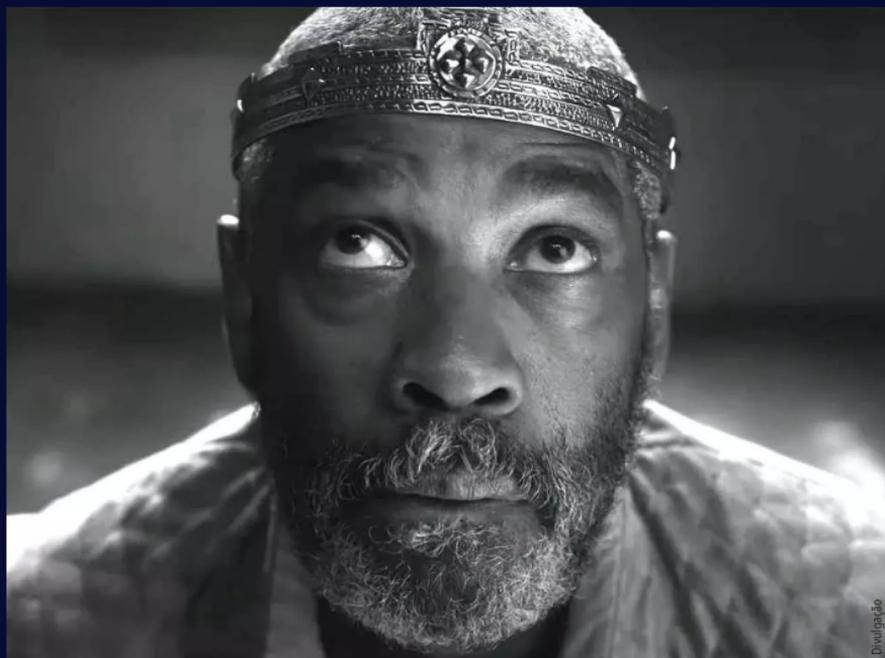
Shakespeare para iniciantes

As organizadoras do livro *O que Você Precisa Saber Sobre Shakespeare Antes que o Mundo Acabe* indicam as melhores peças para adentrar no universo shakespeariano.

Liana Leão — “Indico alguns livros de Barbara Heliodora, pois foi quem mais publicou obras que falam aos leitores em geral: *Falando de Shakespeare* (Perspectiva, 2007) e *O Teatro Explicado aos Meus Filhos* (Agir, 2008).”

Fernanda Medeiros — “Sempre acho que *Romeu e Julieta* é um ótimo começo. É uma peça riquíssima, sobre o indivíduo, sobre a política, sobre a guerra... No outro extremo, *Rei Lear* também é um bom começo, apesar de sua qualidade tão dolorosa. Mas o tema da família, do poder, da política e do dinheiro estão amalgamados nessa peça de um modo espetacular.”





Divulgação

➤ Denzel Washington em cena de *A Tragédia de Macbeth*, filme do diretor Joel Coen



Divulgação

➤ Roteiro “shakespeariano” é um dos destaques de *Sucessão*, série da HBO

O controverso Shakespeare

A falta de documentos sobre a vida pessoal do dramaturgo dá margem para a criação das mais mirabolantes teorias

A produção de William Shakespeare está relativamente bem documentada. Conhecemos as datas das encenações, os locais em que ocorreram e quais figuras importantes da época estavam presentes na plateia. Mas o mesmo não se pode dizer da vida pessoal do autor. A falta de fontes e documentos (como notícias e diários) transforma sua trajetória em um campo fértil para a imaginação. A seguir, conheça algumas das teorias mais famosas, curiosas e cômicas sobre o Bardo.

Vários Shakespeares

Esta teoria afirma que não existiu apenas um Shakespeare, e sim vários — pelo menos três. Um grupo seletivo, do qual fazem parte nomes como o filósofo Francis Bacon e os poetas Edmund Spenser e Walter Raleigh. Essa suposição surgiu no século XIX, quando as peças do Bardo ficaram famosas nos Estados Unidos. Sua criadora, a escritora norte-americana Delia Bacon, esteve na Inglaterra pesquisando a vida do dramaturgo

e ficou famosa por questionar a autoria de suas peças. Para ela, os textos são, para além da literatura, obras filosóficas escritas por um grupo de políticos, intelectuais e nobres insatisfeitos com a monarquia (e que usavam o pseudônimo para lançar ideias inovadoras).

Os anos perdidos

O período entre 1582 e 1592 (dos 18 aos 28 anos do jovem William) é conhecido como “anos perdidos” para os especialistas em Shakespeare, pois não se sabe exatamente como ele se interessou por teatro e iniciou a carreira. Segundo a história mais contada, ele teria se mudado para Londres para fugir de um processo por caçar veados em terras particulares. Outra versão diz que Shakespeare teria se mudado para trabalhar como cuidador de cavalos do lado de fora dos teatros, e que assim teria surgido seu interesse na arte da encenação. Um estudioso do século XVIII, Edmond Malone, também especulou que o autor, enquanto morava em sua cidade natal, trabalhou em um escritório de advocacia. Há ainda quem acredite que Shakespeare deu aulas em um vilarejo do interior — ou foi agiota, marinheiro, soldado e tipógrafo. Haja criatividade.

Mulher?

Essa história foi levantada pela jornalista Elizabeth Winkler, em artigo publicado em 2019 na revista norte-americana *Atlantic*. No texto, Winkler apresenta a história de Emilia Bassano, uma poeta inglesa contemporânea do dramaturgo. Segundo a jornalista, existem vários motivos para acreditar que Shakespeare seria na verdade Bassano. Entre eles a sensibilidade do autor para descrever tão bem o inconsciente feminino e as paisagens de Vêneto, região italiana em que a autora

nasceu (e cenário de *O Mercador de Veneza* e *Romeu e Julieta*). Outra razão se relaciona com o nome “Emilia”, um dos mais recorrentes nas peças do Bardo.

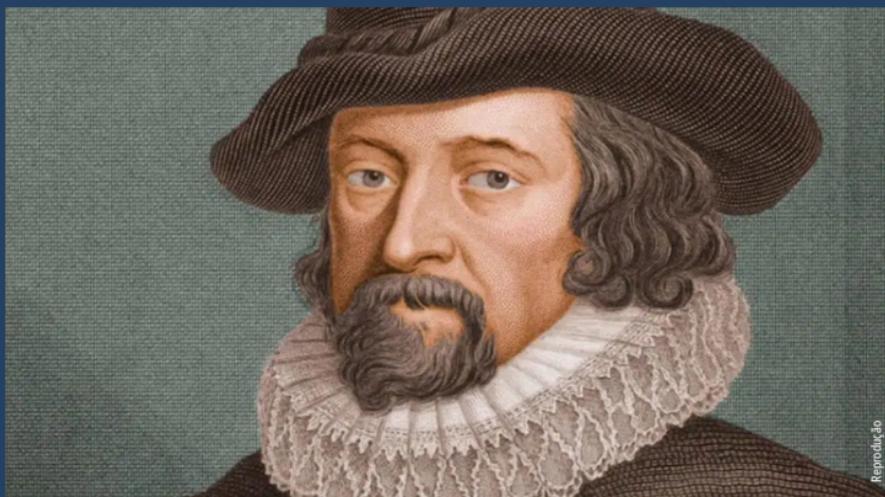
Morte

Uma curiosidade sobre Shakespeare é que ele morreu na mesma data de seu nascimento, 23 de abril. No entanto, não se sabe o real motivo do falecimento. Um banco de dados na internet, cujo objetivo é passar todas as informações sobre a vida do dramaturgo para o meio digital, enumera mais de 20 possíveis causas para a morte do autor. Uma delas seria o Mal de Bright, doença em que os vasos sanguíneos renais ficam inflamados. Outra bem conhecida sugere que o autor bebeu todas com seu amigo Ben Jonson e acabou contraindo uma febre fortíssima e fatal.

Luiz Felipe Cunha <



➤ Emilia Bassano



➤ Francis Bacon

Corte e sutura

Miriam Alves

Por Hiago Rizzi



Miriam Alves completa 70 anos de vida e 40 de carreira literária com lançamento duplo que expressa sua versatilidade

Uma pesquisa no *Google* pelo nome de Miriam Alves leva a uma página da *Wikipedia* em inglês. Em parte isso se deve ao seu envolvimento com o Quilombhoje, coletivo que publica a série *Cadernos Negros* desde 1978. De lá surgiu a ideia de enviar textos de autores negros brasileiros para universidades e bibliotecas norte-americanas. A partir dos anos 90, depois de integrar e organizar antologias de poemas e publicações acadêmicas internacionais, participou de eventos nos Estados Unidos. A segunda justificativa, também coerente, é o sistêmico apagamento de autores negros no Brasil.

Miriam Alves é uma escritora desviante. Desviante na forma, por não se comprometer com nenhuma escola, e nos temas, por não atender preconceitos sobre o que é a literatura produzida por pessoas negras. Sua ficção está interessada em alternativas para a realidade. Desde 1982, quando estreou na quinta edição dos *Cadernos Negros*, escreveu poemas, contos, romances e ensaios — “Eu não domino todas as técnicas, mas gosto de perseguir”, afirma.

Os 40 anos dedicados à escrita são comemorados agora com um lançamento duplo: *Miriam Alves Plural* (Fósforo, 2022) apresenta textos teóricos, ensaios críticos e depoimentos sobre a obra da autora paulistana, enquanto uma coletânea reúne todos os poemas produzidos por Miriam durante essas quatro décadas,

a maior parte deles esparsos até agora, pela Círculo de Poemas (parceria da Fósforo com a Luna Parque).

De Maricá (RJ), onde vive há alguns anos, a escritora falou ao **Cândido** sobre sua relação com o mercado, práticas de produção e a circulação da sua obra ao completar 70 anos.

Como chegamos à publicação dessa reunião de poemas?

Eu estava fazendo uma seleção dos meus poemas para outra editora, aí veio o convite da Fósforo. Fiquei muito dividida e em dúvida sobre aceitar. Em várias reuniões com a equipe eles foram me explicando a proposta de trabalho. Tive só uma exigência: “Não me façam selecionar esses poemas, porque vocês nunca vão ter um livro, vai mudar tudo”. A minha vida mudou, a minha forma de ver o mundo amadureceu, todas essas coisas. Fiz alguns poemas quando tinha 20 e poucos anos, agora vou fazer 70. Lapidei minha escrita — para melhor ou para pior, não sei —, sou muito mais exigente e crítica comigo mesma. Eles toparam, queriam os poemas reunidos. Aí a conversa foi com o Leonardo Gandolfi, curador do livro. Me surpreendeu que ele conhecia muita coisa minha, disse que é difícil encontrar meus poemas. Como eu estava em processo de mudança, de São Paulo para Maricá, não tinha meus livros aqui, só os que trouxe para pesquisa dos Cadernos Negros, que eu escaneei e mandei para ele. Ele entrou em contato com outras pessoas e fomos achando coisas que eu havia esquecido, como os poemas no Profundanças, projeto de escritoras mulheres na Bahia, com poemas e imagens.

De alguma forma você perdeu o controle sobre a circulação dos seus trabalhos?

Faz muito tempo. Eu tenho poemas na Holanda, Irlanda, Alemanha, França... Não sei mais onde estão as minhas coisas. Antes ainda tinha um controle, atualmente estou

tentando, mas fica difícil. Só escrevi dois livros autorais de poesia. Então esse livro, de 385 páginas, tem muitas coisas espalhadas. E faço questão de espalhar. Eu tenho uma pasta de arquivos, mas vou para frente, por isso não gosto de editar. Se chega um convite e acho que a proposta é boa, eu aceito, ou não, e o mundo continua. São publicações que às vezes demoram anos para sair. Acho que quando era jovem eu ficava preocupada, mas agora não, vou fazendo. Uma hora sai, ou não sai. Vou me espalhando. Quando o Leonardo e as editoras começaram a juntar esse material foi muito emocionante, saber que eu tinha produzido tanta coisa. Produzi 385 páginas de poemas em 40 anos. E tenho muitos inéditos, perdi muita coisa no computador, livros inteiros. Agora tem a tal da nuvem, mas antes o computador “dava pau”, você mandava consertar, ele era “resetado” e você perdia tudo se não tivesse *backup*.

Alguns poemas seus falam em teclar, inclusive. São mais de 40 anos escrevendo, como a tecnologia afetou a sua produção?

No início escrevia à mão, depois reescrevia, ia à máquina de escrever e datilografava, riscava e datilografava de novo. Quando comprei o computador não escrevia direto, fazia a mesma coisa — escrevia à mão, passava para o computador e editava. Depois de um tempo passei a fazer poemas direto no computador. Eu tenho uma prática que vem dessa experiência: não joga o original fora. A dificuldade do Leonardo foi que alguns poemas têm dois ou três formatos em outras publicações. Se a mudança fosse muito significativa, a gente colocaria os dois, em outros optamos pela primeira publicação, e assim foi feito. A tecnologia não só mudou a forma de grafar mas também me deu muito fôlego para escrever romances. Um capítulo de um romance muda quatro ou cinco vezes, depois ainda tem a revisão da editora. Outra coisa que a tecnologia ajudou muito foi a questão da pesquisa, às

vezes as pessoas não dão muita atenção às coisas que saem nas redes sociais. Além de fazer contatos, tem toda essa situação de ler o que as pessoas escrevem nessas redes, e isso para mim é matéria-prima muito rica. Quando existiam as salas de bate papo, eu estava fazendo uma pesquisa de como as pessoas se transformavam em personagens para entrar nessas salas. Não tinha como “printar”, então ficava com um papel do lado anotando as conversas.

Antes de se dedicar exclusivamente à escrita, você atuou como assistente social. Essa Miriam influenciou a escritora? De que forma?

Só influenciou. Aliás, influencia até hoje. O meu livro de contos *Juntar Pedacos* (Malê, 2021) são histórias que eu ouvi ao longo da vida. São 30 anos de serviço social trabalhando na saúde, praticamente só com mulheres. Trabalhei nas duas pontas, pediatria e geriatria — quem leva as crianças e cuida de idosos nos hospitais geralmente são as mulheres. Têm muitas histórias dessa época dentro de mim. Muitos gritos, muitas dores, algumas mortes, dilaceramentos. Uma vez eu disse para meu pai que optei por uma profissão que trabalha com o cu do mundo. Eu podia ser agente de turismo, né? Era muito jovem, 20 e poucos anos, e tinha uma ilusão com o mundo — por isso fiz serviço social. Tem muitas histórias que não consigo escrever porque são muito impactantes. Atualmente tenho um propósito comigo, com a minha escrita em particular: a minha escrita enquanto mulher, negra e escritora tem que ter um viés de saída, não é só relatar ou dizer, não só das mazelas ou das alegrias — tem que ter alguma coisa, é a ideologia da minha escrita. Tem que ter alguma saída porque as realidades que eu escrevo são muito duras, como dura é a vida da população negra nesse país que se diz cordial mesmo sendo formado dentro da coisa mais cruel, que é a escravidão. Algumas histórias eu ainda não coloco porque não vejo como ficcionalmente posso dar uma pilulazinha de esperança ou aliviar a dor. A palavra fere,

mas também cura. Mesmo que você tenha que dar um corte para suturar depois, ela cura. Na escrita, eu quero dar esse corte sabendo que tenho linha, uma agulha de costura e também um analgésico.

***Miriam Alves Plural* traz algumas discussões sobre os trabalhos de Zula Gibi, pseudônimo que você criou em 1985 para publicar escritos homoafetivos. Houve algum tipo de resistência à publicação desses textos? Como você vê essa questão hoje?**

A sociedade não é um espaço aberto para você falar o que quiser, mesmo se você for um escritor. Não importa que seja um grupo de literatura negra, um jogo de bingo ou na praia. Todos esses valores e conceitos estão com a gente, mesmo se você for numa boate gay. Não é porque você é gay, negra, mulher ou homem que você não traz esses valores dentro de você, mesmo que os negue. É necessário um corte bem fundo para tirar isso, e não matar o paciente — se você matar, vai ser culpabilizado por essa morte. Não foi fácil, não tinha fala para isso — até hoje, dentro dos Cadernos Negros, não tem. Entram algumas coisas, mas depois as cobranças são terríveis. Zula conta isso. Para manter o equilíbrio mental, e inclusive físico, você vai ter que seguir o fluxo. E dentro desse fluxo falar o que quer, mas não o que deseja. Você pode falar de desejo, mas não do que você deseja. Os contos de Zula são românticos, tem um livro todo que eu escrevi como Zula que talvez nunca publique. Você percebe o que Zula conta: você nunca está em lugar nenhum a partir do momento em que é mulher e negra. Então como você nunca está, vai criando personagens e, para não ser esquizofrênico e psicótico, é escritor. Porque aí pode. Pode mentir, matar, desejar, fazer sexo trial (como no conto “O Abajur”), só que é cobrado depois. Como se a pessoa que te cobra não fizesse. Como você disse que o rei está nu? Porrada em você. É necessário manter um equilíbrio entre a ficção e a realidade, e para manter esse equilíbrio eu escrevo de novo. Por isso escrevo bastante.

Pouco tempo antes da pandemia, você disse, em entrevista, que o mercado aceita escritores negros que falam a partir de um lugar de “falta”, que não é o seu. Algo está mudando nesse quadro?

Volto à primeira pergunta. Como foi com a Fósforo. Entre várias conversas, perguntei: “Por que eu? Eu sou sua primeira opção ou sua melhor segunda opção? Porque o normal seria vocês convidarem a Conceição Evaristo, que está na mídia”. Depois conheci o Leonardo, que estava lendo minhas coisas, mas já entrei metendo o pé na porta. Aí falei: “E o que vocês querem? Querem Miriam Alves escritora negra ou seu discurso que não é para despertar o branco dos seus sonhos injustos?”. Acho que toda a escrita negra tem um objetivo, mesmo que não seja explicitado — vingança, revolução, etc. Eu quero causar pesadelos. Acho que quando a pessoa enfrenta seus pesadelos, ela desperta. “Vocês querem uma cara negra?”, porque ser negro e publicado está na moda — a Flip caiu num fracasso depois do “Arraia da Branquitude”. Eles disseram: “A gente quer você do jeito que você é”. Aí eu topei. Não é para dourar a pílula ou com medo de não ser publicada. Faz 40 anos que não sou publicada, posso esperar mais 40. Depois que eu morrer todo mundo vai querer publicar. Eu posso querer não ser publicada, eu me publico, tem editoras pequenas que me publicam. Agora tem uma editora em que a chefe é uma mulher jovem e branca, nós conversamos e eu gostei. Não é sobre aceitarem o que falo — eu posso falar, questionar e ser questionada sem que a nossa relação comercial, da publicação do livro, seja abalada.

Você está trabalhando em algum projeto nesse momento?

Quando as publicações saem você fica meio refém delas, pela divulgação. Em relação aos projetos de escrita, a pandemia me destruiu emocionalmente. Havia começado a escrever um romance sobre a terra, continuação de *Maréia*

(Malê, 2019) que é sobre a água, mas para me acalmar escrevi os contos de *Juntar Pedacos*, mais fácil no sentido de não ter que fazer um mergulho tão longo para chegar ao fim da história. Meu plano é terminar esse romance, só que nesse intervalo comecei a escrever outro livro de contos e entre tudo o Sesc entrou em contato para eu escrever um folhetim — estou com um monte de coisas. <



P
or
baixo
de toda
camada
do mundo

Jessica Stori

por baixo de toda camada do mundo
depois da pressão de estar solta entre os planetas
os bilhões de anos o ar a poeira
depois do céu vermelho seus voos
folhas pássaros migrantes
depois de encostar nas telhas
nos minerais buracos de goteira
observar ácaros e ratos em comunhão
depois das caixas dos gatos de olhos luz
e cachorros esquilos furões
depois do último andar o seu pior horário
às quatro da manhã pulos e gritos confirmam promessa
depois do teto na parede em que olho
depois do cobertor antigo de vinte anos
juntando o meu o teu os pés muito descalços
depois dessa única camada, a última
estou eu, minha mão insone, presto
meu dedo em seu pulso dizendo
mais um balanço mais uma noite nós dois
entre relógios e nuvens

andy warhol e simone weil
quando acordaram em agosto
exato como fevereiro
ninguém quer ficar sozinho
ninguém quer ficar sozinho
andy warhol e simone weil
davam sempre as mãos
para atravessar a rua
a cara grudada uma na outra
órgãos contraídos se repetindo
faz essa mesa falar faz ela me dizer
um amigo precisa ensinar
o outro uma grande lição
andy warhol e simone weil
concentradas em olhar
fixar a cara fixar a cara
o que eu vou ser depois
de nós duas?

céu sufocado vento lâmina
entre as cadeiras afastadas
guardo para dizer estou prestes a
uma pedra irredutível me contou
que uma pedra irredutível me contou
ele não vai dizer o que eu quero
ouvir não ouve não quer olhar
o que quer é o que importa o que quer é
poderia ser um astro alguém para não perder
se estivesse longe se não fosse eu a te olhar
se não fosse uma pedra irredutível
uma canção que retorna
todos os olhos são assim como os seus
você escolhe sempre o outro caminho
ainda escrevo para me defender
do esquecimento ainda escrevo perguntando
mais uma vez seus olhos um rosto explosivo
uma pedra irredutível
você não muda de ideia

Jessica Stori nasceu e vive em Curitiba. É escritora e historiadora, com foco em crítica literária feminista, estudos de memória e autobiografias. Em 2020 lançou *Carne e Colapso* (Urutau), seu livro de estreia.



Movimento cruzado

Michele Micheletto

Michele Micheletto é produtora cultural e curadora. Atua principalmente entre Curitiba (onde vive) e São Paulo, com foco em artes visuais de mulheres artistas. Na fotografia, ofício que desenvolve em paralelo, se interessa especialmente por experimentar com câmeras analógicas e manuais, usando filmes vencidos e processos cruzados de revelação, em busca de movimento em suas fotos, múltiplas exposições e efeitos cromáticos saturados.

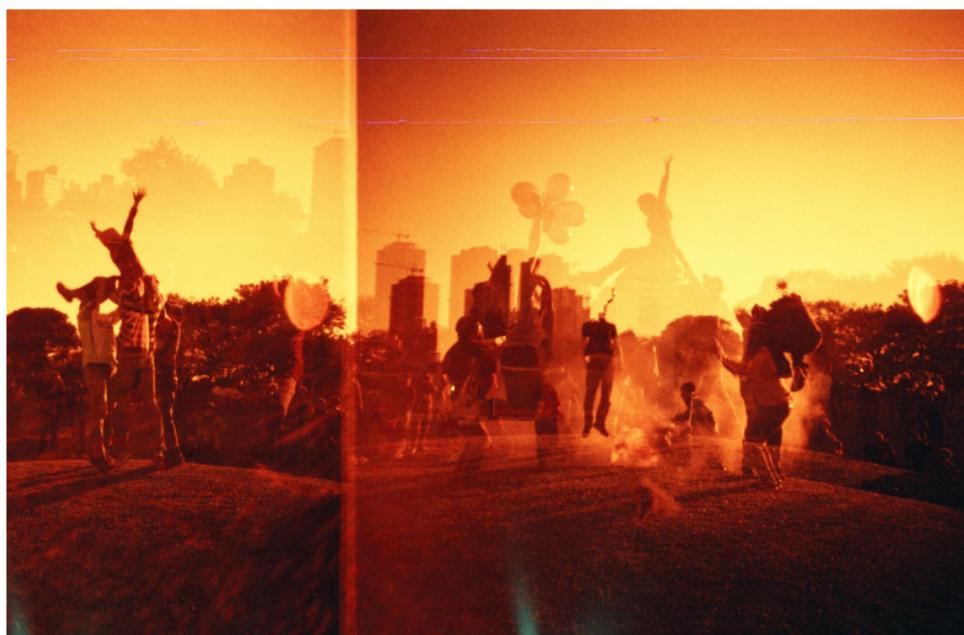












T Tempo de violência

Ilana Casoy

Por Isabella Serena



Autora de sucessos como *Bom Dia, Verônica* e *Arquivos Serial Killers: Made in Brazil*, Ilana Casoy fala sobre seu método de trabalho, a parceria com Raphael Montes e o *boom* do gênero *true crime* no país

Principal expoente do universo *true crime* no Brasil, a criminóloga, roteirista e escritora Ilana Casoy aproveita o bom momento comercial do gênero para avançar em suas pesquisas e produções. Em janeiro, Ilana estreou a segunda temporada de *Em Nome da Justiça*, programa do canal pago AXN que ela mesma criou e apresenta. E neste mês, foi anunciada mais uma leva de episódios de *Bom Dia, Verônica*, série de sucesso da Netflix baseada no romance homônimo assinado em dupla com Raphael Montes.

Especializada em analisar perfis psicológicos de criminosos, especialmente de *serial killers*, a autora de 62 anos conversou com a reportagem do **Cândido** sobre o que gosta de ler, sua parceria com a editora Darkside e o método de trabalho desenvolvido para escrever a quatro mãos. Também revelou seus próximos projetos e fez um alerta: há muita “fofoca criminal”, sem base investigativa, sendo vendida no mercado como *true crime*.

Quais são suas referências e preferências literárias?

Gosto de ler tudo. O que não me prende de cara, me esforço para continuar lendo até a página 100. Acabei de ganhar de aniversário um livro do Stephen King, mas não tive tempo de ler ainda. Recentemente, reli *Mila 18*, do Leon Uris, e adorei. Foi um livro que li pela primeira vez quando tinha 13 anos. Também tenho curtido bastante o Cesar Bravo, meu colega na Darkside.

Como surgiu seu envolvimento com a editora Darkside?

A Darkside ainda estava sendo lançada quando eles me mandaram uma mensagem pelas redes sociais, perguntando se eu estaria disponível para escrever uma contracapa ou orelha de algum livro internacional que estavam editando na época. Estava desiludida com o mercado editorial e bem cansada, até pensando em não publicar mais livros. Mas, quando vi o jeito com que eles trabalhavam e o site da editora, percebi que era uma proposta nova e diferente. Então perguntei: “Vocês não querem me publicar?”. Foi engraçado, porque ninguém esperava, nem eles e nem eu. A gente se conheceu e se apaixonou. É um casamento, uma parceria, bem longe de ser uma questão empresarial

E a sua parceria com o Raphael Montes, aconteceu de que forma? E como vocês tiveram a ideia para a produção de *Bom Dia, Verônica*?

Nós nos conhecemos em Extrema, Minas Gerais, no festival literário. Essa interação começou como uma brincadeira. Não tínhamos um compromisso e não precisávamos nos arriscar. Era tudo novo, não sabíamos se ia dar certo. O Rapha me convidou para escrever ficção e li os livros dele antes de aceitar. Curti, e foi assim que surgiu essa nossa parceria. O nome do livro surgiu de um e-mail que mandei para ele com o assunto “Bom Dia, Verônica”. O Rapha achou engraçadíssimo e gostamos do nome. O pseudônimo Andrea Killmore é uma sátira, foi pensado lá no fim. Andrea é um nome feminino no Brasil, mas na Itália é masculino. Então tivemos essa ideia por ser uma coisa dupla. Podia ser um homem ou uma mulher escrevendo. Na verdade, eram os dois. Quando você escreve com uma pessoa ou mais, não importa muito quem teve qual ideia. O que importa é o resultado e se os dois gostaram.

Como você e o Raphael se organizam para escrever juntos?

Escrever individualmente é totalmente diferente de escrever em dupla, é drasticamente diferente. Você sozinha não compartilha nada durante o processo. No máximo no final, com o leitor cobaia que você queira ter. Além disso, sozinha você tem de desenvolver um método próprio. Eu e o Rapha tivemos de desenvolver o nosso, que foi bom para os dois. Geralmente, a gente cria uma escaleta, uma junção de tudo que vamos abordar na história e em cada capítulo. A página em branco começa comigo, depois vai para ele. Então a gente passa, repassa, mexe, tira, corta... Até uma hora em que fica pronto e a gente decide que valeu para nós dois.

Muitos adolescentes são fãs do seu trabalho. Você acha que existe alguma “classificação etária” indicada para seus livros?

Acho que tem uma faixa mental de gente curiosa que se interessa pela mente humana. Tanto faz se é ficção ou não. Eu com 12, 13 anos lia John Steinbeck. Então o que é faixa etária? Não acho que depende da idade, mas da maturidade literária de cada um. Se você lê muito cedo, vai evoluindo e escolhendo livros que talvez não sejam indicados para quem não lê e não faz uma interpretação muito boa. Tem gente jovem que lê meu livro com a supervisão dos pais. Isso é legal, porque a leitura proporciona uma abertura de relação entre a família. Meu livro já foi tema de trabalho em escola pública, me orgulho muito em saber disso. Nas escolas de áreas periféricas, por exemplo, onde a violência faz mais parte da realidade, a leitura do meu livro não é inapropriada. Então pode variar de escola para escola.

O que você acha que desperta o interesse dos leitores pelo universo do *true crime*?

Acho que é a curiosidade. A violência gera um certo tipo de poder. Um poder de quem tem coragem de fazer coisas terríveis, conviver com isso e não ter sentimentos, ou ter até demais. A violência não é só na psicopatia, existe em todos os lugares. As pessoas querem entender, é um enigma. Esse caminho de descoberta é importante para o leitor também.

De que tipo de preparo você precisou para realizar as entrevistas com assassinos como Pedrinho Matador e Chico Picadinho, presentes no livro *Arquivos Serial Killers: Made in Brazil*?

Preparo psicológico eu tive a vida toda. Faço análise e sou analisada desde pequena. Preciso ter estrutura e aprender que não é só entrar lá e falar com os entrevistados. São histórias muito complexas e difíceis, de muita dor. Precisei estudar todas as matérias, Psicologia, Direito... Sempre fui de conversar com parceiros dessas áreas. Ninguém sabe de tudo, cada um tem seu lugar e seu conhecimento, por isso um ampara o outro. Não é apenas um papinho, é uma conversa que acontece depois que já li todos os processos, já fiz minha análise e minha pesquisa. Nessa análise, vejo como vou abordar determinados assuntos, quais métodos vou usar. Se é um método mais paternal, se vou levar fotografias dos crimes ou se vou levar alguma autoridade comigo. Existem muitas estratégias que posso usar, tenho de me preparar em diversos níveis e de várias formas.

Como especialista em perfis psicológicos, você acredita que uma pessoa se torna criminosa em decorrência da forma como foi criada? Existe alguma maneira de prever o surgimento de um criminoso?

É uma análise muito minuciosa e complexa. O que eu tinha conhecimento e pude colocar no livro, coloquei. Existem milhões de teorias e não vou me arriscar a comprar nenhuma delas. O que posso dizer, de acordo com a minha visão, é que as causas sempre são um tripé biológico, social e psicológico. Não existe uma causa só. Essas causas podem trazer alguma explicação sobre alguns dos comportamentos encontrados nos criminosos. Mas não existe um fator que determine um comportamento criminoso. Do contrário, seria só separar essa pessoa ao nascer.

Quais as suas recomendações de leitura no gênero *true crime*?

Você precisa ter cuidado para não pegar escritores que escrevem pela mídia. Tem muita coisa boa no *true crime*, mas tem também muita fofoca criminal, em vez de investigação, e isso me assusta um pouco. Porque a palavra que complica é o *true*. Quem está escrevendo? Onde ela foi buscar essas informações? Tem o que está no processo e o que não está, tem a fofoca, tem a mídia. Tem que ler o livro de quem tenha uma pesquisa sólida. Na literatura não existe um código de ética. Tem gente que escreve fofoca criminal e tudo bem, desde que deixe claro essa informação. O difícil é quando você vê uma informação tratada como *true crime* quando claramente não é. Quem escreve para esse gênero deve ter cuidado com suas fontes e onde está embasando as informações que está divulgando, não pode sair falando o que quer. Os familiares dos criminosos são pessoas como nós, que se magoam e se machucam. Então é preciso tomar cuidado, não pode falar sem controle e compromisso com a verdade. Até com o próprio criminoso. Ele está condenado à cadeia, não à difamação.

Quais são os seus próximos projetos?

São vários, mas o que posso contar é que tenho uma ficção para o cinema em andamento. A segunda temporada de *Bom Dia, Verônica*, para a Netflix, também vai ser lançada logo. E estou escrevendo mais um livro com o Rapha, *Boa Tarde, Verônica*. <



O homem ao lado

Marcos Pamplona

Pouco a pouco as luzes da cidade vão rareando. O ônibus avança agora por uma estrada quase deserta. Ele segura o livro nas mãos, mas não se anima a ler. É bom ficar olhando pela janela para a paisagem noturna. Às vezes surgem ao longe grupos de árvores que parecem conspirar; aqui e ali, o lume solitário de uma casa oscila na escuridão. De vez em quando lembra-se de coisas que, cada vez mais distantes, perdem nitidez e ganham doçura. O amigo falando de Lady Macbeth no supermercado, enquanto escolhia batatas. Sua mãe afundada na velha cadeira de vime, a enxugar o suor do rosto com o vestido (“Estou cansada desse lugar”). Um pouco antes da separação (ou depois?), Silvia correndo atrás do chapéu, que fugia dela em ziguezagues pela rua. As imagens surgem e se esvaem sobre o fundo escuro dos campos; ele fecha o casaco, frui o prazer de estar só de passagem.

Ultimamente gosta mais de viajar, principalmente se não é ele quem dirige. Em movimento, mas inerte, esquece as inquietações habituais. Algo já está sendo feito, não é preciso culpar-se de não estar fazendo nada. Então a cabeça se ocupa daquilo que realmente importa. E o que realmente importa, pensa, é o que não tem importância nenhuma. O que se leva toda uma vida a desprezar, a sensação serena de estar vivo e bem, sem nada urgente para fazer ou declarar.

Reclina a poltrona. Está quase dormindo quando o homem ao seu lado mexe na mochila. Mal tinha reparado nele, mas o barulho que faz torna isso inevitável. É um sujeito grande, mais pançudo do que gordo. Na penumbra, dá a impressão de estar só de sapatos, sem meias. Tem um nariz grande, arroxeadado. Tira da mochila uma garrafa metálica, desenrosca a tampa e dá um gole. Uísque, ele pensa. Nunca tinha cogitado beber uísque numa viagem de ônibus, mas

não é má ideia. O homem percebe que está sendo observado, ajeita-se no banco com a garrafinha no colo.

— A janela está ficando embaçada, diz. Estamos subindo o planalto, lá em cima é muito úmido.

Concorda com a cabeça. O homem se anima:

— A porta da minha casa chora.

Ele fica olhando para o sujeito, não sabe o que dizer. Seria um poeta?

— É uma dessas portas de alumínio que imitam madeira. Fica muito úmida durante a noite. O senhor quer um gole?

Ele recusa, mais por ter que pôr a boca na mesma garrafa do que pelo uísque. Aliás, se quiser dormir, não deve esboçar reações. O homem está bebendo, vai ficar animado. Ele finge adormecer; acaba dormindo mesmo.

Bate a cabeça no vidro, acorda. Quase nada mudou. O homem segura a garrafinha, insone, no escuro. A única diferença é que a janela está completamente molhada. Ele usa a manga do casaco para ver lá fora. A escuridão é densa, não se vê muita coisa. Pelo ronco do motor percebe que estão subindo uma ladeira, talvez seja a serra. O frio incomoda, seus pés estão gelados.

— O ar-condicionado devia estar ligado.

— Está ligado. Mas nunca esquenta o suficiente, diz o companheiro de viagem. Só então repara que sua voz é rouca, funda, uma dessas vozes que parecem desfiadas pelo vício.

Estende-lhe novamente a garrafinha. Ele agora aceita. Não é uísque, é vodka, uma boa vodka.

— Você vai se sentir melhor. Não existe nada pior do que a lucidez.

Pego de surpresa, ele ri. O homem, porém, fala sério.

— Fiquei dois anos sem beber. Foram os piores da minha vida.

Lá vamos nós, pensa ele. Mais um estranho que, do nada, surge à sua frente para contar intimidades. Ele sempre fica constrangido, mas devia se acostumar. Há pessoas (e não poucas) que adoram “ficar nuas em praça

pública”, como dizia seu pai.

Passam por um posto policial, a luz dos postes invade o interior do ônibus. As pessoas dormem, deixam-se levar, algumas embrulhadas em cobertores. Ele pensa que estão sonhando, que seus sonhos ignoram a jornada do corpo noite adentro. Quando acordarem, estarão em outro lugar. E tudo que lhes aconteceu no percurso (a fábula descosida do sonho) jamais será lembrado. A vida paralela dos sonhos. As muitas vidas paralelas que temos.

A vodka abriu seu peito, tornou-o receptivo; ele até gosta quando o homem diz:

— Naqueles dois anos, foi como se eu sáísse de um porão, como se eu visse a casa onde eu morava. O mundo onde eu estava. Não foi bom, não foi nada bom. Mas era necessário.

Os dois bebem novamente.

— E o que foi que você viu?

— Uma mulher, uma filha. As duas ficaram espantadas, bem espantadas. O pai acordou cedo? O pai parou de beber? Ele fez a barba, é? Vestiu roupa limpa? Ele quer falar, ele quer saber o que a gente está fazendo, onde a gente está indo. Hehe! Elas não sabiam o que fazer comigo. Estavam acostumadas daquele outro jeito.

— Você bebia há muito tempo.

— Desde os dezesseis anos. Me formei bêbado. Me casei, tive filho, trabalhei, sempre bêbado. Fiz o que todo mundo faz, essa correria insana, meio de longe, numa nuvem de álcool. De repente, aos cinquenta e cinco, me cansei, quis ver como era o mundo fora da nuvem. Sabe o que eu descobri? Descobri que eu não teria feito nada daquilo se não estivesse bêbado.

Agora os dois riem. O ônibus se arrasta serra acima. Paredões de pedras reluzentes, abismos negros passam ao seu lado. Os passageiros perambulam pelos sonhos. Não se vê o motorista, é como se o ônibus andasse sozinho, sonâmbulo.

— Não teria... A mulher era uma estranha, uma funcionária pública amargurada com a estabilidade da vida.

Vivia falando com a mãe no telefone, dormia sozinha com três gatos, chapada de ansiolítico. E a minha filha era uma garota espinhosa que não me dirigia a palavra. Dormia às vezes lá em casa, mas vivia mais na casa do namorado.

— Você quer dizer que começou a ver as coisas com mais nitidez. Porque antes você já sabia que...

— Antes eu não queria ver. Aquilo tinha um equilíbrio, apesar de eu andar caindo pelos cantos. Todo mundo era sozinho junto, funcionava. Eu com a minha garrafa, a filha com o namorado, a mulher com os gatos. Eu quebrei o pacto. Quis unir as pessoas. Mas era tarde, ninguém mais ali queria saber do outro... Desde que o outro estivesse por perto, tudo bem.

— A família.

O homem faz um gesto com a mão mostrando os passageiros à volta deles. Deixa cair a mão, olha para os sapatos.

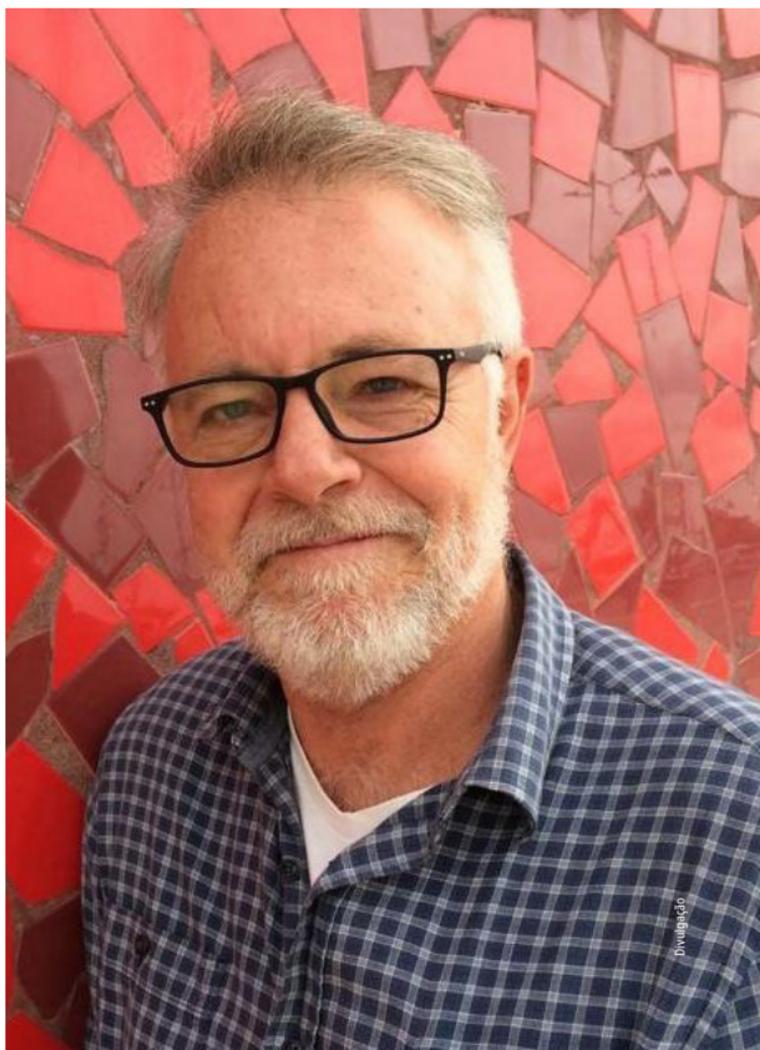
— Aí você voltou a beber.

O homem coça seu enorme nariz arroxeadado.

— Primeiro eu fui embora. Vim morar aí em cima, numa cidadezinha onde ninguém me conhece. Já que é pra ser sozinho... Agora eu encho a cara sem nenhuma preocupação. Ando descalço pela casa, ouvindo minhas músicas. Gosto de ouvir o beijo do pé no assoalho de madeira... Já disse ao senhor que a minha porta chora?

Quando ele acorda, já amanheceu. Os primeiros prédios surgem à beira da estrada, estão chegando ao destino. O homem não está mais ao seu lado. Ficou em algum dos lugarejos perdidos entre as montanhas. <

➤ **Marcos Pamplona** (Curitiba, 1964) é poeta, cronista e editor. Seus poemas foram selecionados em três edições do Prêmio Off Flip de Literatura, integrando as coletâneas de 2006, 2008 e 2010. Publicou o livro de poemas *Tranverso*, pela Kotter Editorial, em 2016, e o livro de crônicas *Ninguém nos Salvará de Nós*, em 2021, também pela Kotter. Vários textos seus podem ser encontrados em publicações e projetos como *Mallarmagens*, *Jornal Relevo*, *Pássaros Ruins*, *Radiocaos* e *Musa Rara* (Brasil); *Revista InComunidade* e Leiria Poetry Festival (Portugal). Vive em Lisboa, onde é editor da Kotter Portugal. Desde abril de 2019 escreve crônicas para o *Jornal Plural*, surgidas de suas andanças pelas terras portuguesas.



T hiago y yo

Etel Frota



Arquivo Pessoal / Etel Frota

➤ Thiago de Mello e Etel Frota no Rio de Janeiro, em 2001

A escritora Etel Frota resgata a história da sua amizade com o poeta Thiago de Mello, morto em janeiro, aos 95 anos

“...El tiempo y Thiago de Mello trabajan em sentido contrario. El tempo erosiona y continua. Thiago de Mello nos aumenta, nos agrega, nos hace florear y luego se va, tiene otros quehaceres. El tempo se adhiere a nuestra piel para gastarnos. Thiago passa por nuestras almas para invitarnos a vivir.”

(Pablo Neruda, 1965)

Era enorme e pesado o pacote com que eu embarcava rumo a Manaus, na manhã de 30 de março de 1996. Tivera a infeliz ideia de colocar vidro duplo no quadro que emoldurava o pedaço de cânhamo cor de areia em que bordara estas palavras de Neruda, assim mesmo, em castelhano, talvez por amor aos ipsílores, que resultam tão belos desenhados em linha preta. Capenguei pelos corredores do embarque e do avião, driblando uma dúzia de solícitos funcionários que tentavam me convencer a despachar a estroenga.

Logo mais, no saguão do Theatro Amazonas, ainda com o quadro embaixo do braço, eu me apresentaria ao homenageado daquela noite, no dia dos seus setent´anos. Já sentada no camarote para o qual me conduziu sua mulher, Aparecida [a quem coubera a guarda e manejo do presente desajeitado, enquanto o poeta se encaminhava para os bastidores, preparando-se para entrar no palco,

no *gran finale* daquele espetáculo], eu permaneceria por quase duas horas em estado de susto, estranha no ninho daquela família que não tinha ideia de quem eu fosse, embora eu os conhecesse tão bem. Um olho marejado no *viejo* em cena trajado com sua melhor brancura, com o canto do outro eu espiava Isabella, bela bela em seus vinte e poucos, a protagonista de um dos meus poemas favoritos da vida, o “Trisabellário”

*Pra esperança pequenina da minha
filha Isabella, estendo aqui uma
campina em frente de sua janela:
Isabella, bela, bela, tu vais ver o que virá.*

Da festa que se seguiu, na casa de Anália, sobrinha do poeta, retenho *flashes* vívidos, uns legitimamente guardados na memória, outros talvez inventados a partir das fotos que tantas vezes revisei. No cardápio, o prato preferido do aniversariante. Refogado de carne moída. Passei muitas horas conversando com Aníbal Beça, o tremendo poeta amazonense que viria a se tornar um querido amigo. Trouxe o seu *Suíte para os Habitantes da Noite*, com a orelha escrita por Thiago

Não faço prefácio. [...] Teu verso, vida ao reverso, já é prefácio, anteface, da clara felicidade que só da poesia nasce

Conheci a bela música de Célia Vaz, outra amiga que ganhei para sempre, levada à festa por Manduka, o filho mais velho que, madrugada adentro, protagonizou com o pai o inesquecível jogral com a poesia de Zé Limeira que literalmente nos levou todos às lágrimas de tanto rir. Fotografei tudo na minha Olympus. São as fotos que revejo hoje. Há uma em que Thiago Pai abraça o menino Thiago Thiago e Isabella; é a minha favorita. Em duas delas, alguém me registrou, estupefata, enlaçada com meu *viejo* poeta.

ARTIGO OITAVO, A MISSÃO

Esse encontro começara no ano anterior, na tarde em que achei, na caixa de correio, uma carta que levei tempo para abrir. O tremor das mãos atrapalhava-me a precisão e eu sabia que tinha que descolar com todo o cuidado a aba, para não danificar aquele envelope precioso, com o carimbo do correio de Barreirinha / AM e sobrescrito com a letra perfeita, desenhada

Poeta

ETEL FROTA

Rua Teixeira Mendes, etc...

Acabo de reler, devagarinho, os seus poemas do Artigo Oitavo. Fique sabendo, faço questão de lhe dizer, que você me fez sentir a felicidade que só a emoção poética pode dar. Estes originais são do seu primeiro livro? Ou já publicou antes outros poemas? Pergunto porque revela, em todo o livro, uma segurança verbal, um domínio na escolha das palavras, que em geral só se consegue com muito e longo trabalho. Você já tem a sua linguagem, um jeito de dizer poético que é o seu: admirável conquista.

Assim dizia o primeiro parágrafo de uma longa carta em que Thiago de Mello se debruçava sobre os originais que eu tivera a audácia de enviar, alguns meses antes, ao endereço que consegui junto à editora do último de seus livros, em uma complicada e incerta estratégia.

Poema-a-poema, linha-a-linha, ele fazia observações, sugeria acréscimos e cortes, corrigia erros, me botava para trabalhar.

§Urro — ou você elimina o verso “à piedade dos piedosos” e deixa somente os dois versos finais; ou trabalhe mais o verso, criando metáfora de mais força.

§Estio — inverta: “múltiplo orgasmo” — mo/mu é aliteração feita sonoramente

Sem mais aquela, ao nível das minúcias, os meus versinhos inaugurais e diletantes ganhavam três páginas de observações de Thiago de Mello.

O *viejo* sempre fora uma entidade na nossa casa. Luiz Frota me apresentou a poesia dele, quando eu era pouco mais que uma adolescente, em um tempo em que necessitávamos de indignação, arroubos cívicos e poesia para sobreviver aos anos de chumbo. Depois que juntamos nossos trapos, livros e elepês, sempre houve uma prateleira com os títulos dele enfileirados e um pôster com “Os Estatutos do Homem” na parede. Nosso filho, aos 5 anos, ganhou a *Arte e Ciência de Empinar Papagaio* com a dedicatória

*Jonas,
é para a tua geração que eu trabalho na construção
da Esperança. Guarda a ternura do Thiago / 85*

No dia dessa dedicatória, Thiago assinou também “A Canção do Amor Armado”, para o Luiz. Para mim, “Faz Escuro mas eu Canto”. Naquela manhã de sábado, na Fundação Cultural de Curitiba no Largo da Ordem, permaneci por horas na longuíssima fila que fazia curvas e subia a escada. Quando cheguei na frente do poeta, ante algum comentário deslumbrado que fiz, pousou a caneta, me olhou nos olhos e perguntou: — *Você escreve poesia?*

Não, eu não escrevia. Nem poesia, nem prosa, nem coisa nenhuma. Quando muito, caprichava na ortografia dos meus laudos médicos. Talvez fosse uma frase que ele usasse para calar fãs mais prolixas e conquistar para

sempre os seus corações. Funcionou.

É claro que Thiago não sabia nada disso quando recebeu os poemas que, por falarem da dor da ausência, eu reunira sob o guarda-chuva do Artigo oitavo d'“Os Estatutos do Homem”

*Fica decretado que a maior dor
sempre foi e será sempre
não poder dar-se amor a quem se ama
e saber que é a água
que dá à planta o milagre da flor*

Uma década decorrida, e eu já tinha a pretensão de escrever poesia. Ainda era médica, mas passara a frequentar oficinas de música e literatura, circular pelo Conservatório de MPB de Curitiba, cantar no coral de Marcos Leite, esse outro grande personagem do meu samba-enredo.

Mas aquele era o momento da carta de Thiago de Mello que, sem nada saber dos nossos passados conjuntos de empinadores de papagaios, concluía

*...reúno, num abraço que leva a luz da floresta, você, o
Jonas e a Luisa*

O JONAS

A partir da minha poesia, Thiago deduzira acertadamente que Jonas e Luisa eram meus dois filhos. Naquele setembro de 1995, eu lambia a ferida aberta pela morte do Jonas, acontecida exatamente um ano antes. Na carta, o poeta me pedia que contasse de mim, de meus filhos, de nós.

Contei. Falei da minha versão do *não poder dar amor a quem se ama*. Mandeí, junto com a carta, um sino de vento, o presente que naqueles dias eu gostava de dar aos que

venciam o constrangimento que costuma embarçar quem se vê diante da figura da mãe enlutada e me acolhiam em um abraço onde cabia tristeza e tudo. Era como se repartisse um pouco da voz do Jonas.

A segunda carta do *viejo* chegou dia 1º de dezembro.

...quero estar perto contigo. Como o Jonas está comigo. Li muitas vezes o teu poema 'das Dores', "numa dobra do caminho/ quando andava distraída/ me pegou de jeito a vida". [...] Minha casa na floresta é a sua casa. Vim escrever (a madrugada está chegando na floresta) porque acordei sonhando com você, o Jonas e a sua casa.

Dois meses depois, em uma tarde de sábado, passadas algumas semanas depois de ter a minha filha Clara chegado inesperadamente em casa, eu labutava com o rés-do-chão desse primeiro milagre acontecido no rumo da nossa ressurreição. Luisa, nos seus cinco anos, que já vinha dando o seu jeito pra driblar com metáforas a sombra que ameaçava a sua infância, deslumbrava-se com a novidade da irmã caída de paraquedas. Às voltas novamente com a manutenção da vida — fraldas, ciúmes, mamadeiras, choros, cólicas — não pensava absolutamente em poesia, quando o telefone tocou. Em uma ligação picotada e cheia de interferências, a voz inconfundível de Thiago de Mello me pedia para escutar o poema que tinha acabado de escrever

*Pois de repente descubro
que já não viajo sozinho:
um menino vem comigo.
Quem? Ora, quem, o Jonas,
companheiro meu de vida,
de poesia e de esperança,
que já conhece outras águas
muito mais verdes que as minhas.*

Mal pude balbuciar umas coisas desconexas. O *viejo*, com voz embargada, me mandou as bênçãos da floresta e desligou. Alguns dias depois enviou-nos, por fax, o poema manuscrito em sua letra encantadora, até hoje e para sempre na parede de casa, lado a lado com Os Estatutos do Homem. Luiz Frota mandou-lhe um telegrama.

...choro neste momento, mas de alegria, sabendo que nosso Jonas viaja com você. E sorrindo!

Assim foi que, nessa sucessão de milagres, a convite do poeta, embarquei para Manaus e vivi uma das grandes aventuras da minha vida. No voo de volta, já no dia seguinte, rascunhei a 'Lira de teus setent'anos' que, é claro, acrescentei ao repertório do *Artigo Oitavo*, que viria ao mundo cinco anos depois.

Assim, entre os teus sentada penso em tua caminhada penso em minha caminhada estranhas trilhas do amor. No belo e tão vasto oceano que atravessei quase a nado pra te trazer uma flor.

NÃO MERECI A FÉ

Em agosto, fui novamente me encontrar com eles na Bienal de São Paulo. Enquanto o poeta atendia à multidão de leitores, Aparecida e eu, no espaço de uma tarde, nos tornamos amigas.

Encerrada a tarde de autógrafos, saímos, os três, do pavilhão no começo da noite e fomos jantar na casa de Ciro Figueiredo, que me presenteou, na saída, com seu livro *Como Se Fôssemos os Primeiros*. No prefácio, assinado por Thiago, a

...declaração pública da alegria, senão do amor, que me nasceu no peito quando encontrei, pouco tempo depois do meu retorno do exílio, esse jovem e poderoso poeta.

Não lembro quem foi, durante o jantar, que puxou o fio do assunto das transcendências. Pela primeira vez ouvi de Thiago sua profissão de não-fé. Talvez eu tenha contraposto minhas metafísicas, em um tempo em que andava cheia delas. Não podia entender como materialista alguém que tinha vindo me trazer as mais concretas notícias do paradeiro do Jonas.

Contrapus-lhe ao anticlericalismo Thomas Merton e os teólogos da libertação, que andava lendo. Meu ponto era que sua rejeição não podia incluir religiosos que combatiam o bom combate. Enquanto emendava a monja francesa que conhecera havia pouco tempo, cristã apostólica romana, com quem uma amiga agnóstica-raiz travava embates épicos e filosoficamente deslumbrantes, Thiago me apartou. *Freiras gostam mesmo é de foder, Etevlina*. Eu viria a aprender que era assim, por nocaute, que o *viejo* encerrava os assuntos que enveredassem para chatices acadêmicas ou filosofentas.

Thiago tinha argumentos muito mais definitivos; não os usou talvez para me poupar o vexame de expor minha ignorância sobre sua obra. Seu magnífico longo poema em decassílabos perfeitos, “Tenebrosa Acqua”, por exemplo — fortemente alicerçado em citações bíblicas — foi dedicado, em 1954, *a Dom Justino e a Dom Timóteo, monges beneditinos meus amigos*.

[OS BARCOS]

*...pois dos mastros
as velas vão surgindo, vão crescendo
como cresce uma folha de palmeira,
às manobras da brisa sempre dóceis.
De caminhos de barcos sabe o mar.
Os ventos é que sabem dos destinos.*

[AS ÁGUAS]

*... a grande quilha
movia-se, infinitamente grave,
sobre si mesma e em em torno de seu fulcro.
As águas já nasceram navegadas
pela cara de Deus, barco primeiro.*

[OS VENTOS]

*...Já sopravam
respiros em repouso, no recôncavo
do espírito pairante. Desde sempre.
Chegaram concedidos, em derrame
das narinas de Deus recém-movido...*

[O BARQUEIRO]

*Nasce o barqueiro quando o barco afunda.
Nasce e não morre nunca mais.
A viagem, quem a faz é o barqueiro, a vera viagem,
cumprido por si mesmo, e tão comprida
que o tempo se dissolve, deslembado*

[A CARAVELA]

*...Era preciso
primeiramente padecer o mar,
ter os remos e os rumos destroçados,
para afinal sentir-lhe o sortilégio:
vogar é revogar: ter é reter.*

Quem, presunçosa, da missa não sabia a metade era eu.

Thiago y Luiz

Thiago veio para cá no ano seguinte, para o lançamento do seu primeiro último livro, *De uma Vez por Todas*, que contém o poema para o Jonas.

*Etelvina e Luiz,
vocês estão dentro do livro e do meu coração. Thiago*

Era um evento literário da Fundação Cultural. Curitiba, sendo Curitiba, presenteou-o com uma frente fria inesperada. Luiz Frota prontamente emprestou-lhe um casaco que, se não era branco era quase, de maneira que não desornasse muito da alvura das suas vestimentas.

Thiago e Aparecida, hospedados em hotel pela FCC, quiseram estar em casa, conosco, todo o tempo disponível entre seus compromissos. Procuo agora, sem encontrar, a mais bonita foto que tenho da Clara, pequenininha, estendendo a mãozinha para a mão do poeta.

Nossa casa viveu dias de glória. Entre as celebridades que circularam por lá, lembro de Jairo Guzmán, um dos criadores do Festival de Medellín, um *testemunhadejeová* da poesia, que andava invariavelmente carregando sacolas de livros e revistas de poetas colombianos, distribuindo-os às mancheias. José Castello foi entrevistar o poeta para o Estadão. Para a então idônea *Gazeta do Povo*, Rodrigo Browne, neto de Adão Pereira Nunes — *o exemplo luminoso* — companheiro de exílio no Chile a quem Thiago dedicou *Vento Geral*.

[Rodrigo e eu nos conhecemos naquela tarde e seguimos, até hoje, trabalhando em parceria em projetos de poesia e música. Acalentamos — e postergamos por anos a fio, em um tempo em que a gente achava que tinha todo o tempo do mundo — o projeto de ir ao Amazonas visitar o poeta, estivesse ele em Manaus ou em Barreirinha. Veio a pandemia. Chegou este janeiro.]

Quase um ano depois, *o viejo* voltou para uma visita à reserva de Salto Morato, em Guaraqueçaba; levou-me a tiracolo. Novamente a japona do Luiz o salvou do vento gelado e úmido que nos castigou na travessia da Baía de Paranaguá, em pleno julho. Eu nem sequer desconfiava estar conhecendo o que viria a ser — 20 anos depois — um dos cenários principais do meu primeiro romance. Nem

tampouco meu mais recente pouso seguro nas mansas tardes de escrita abençoada pela baía, os biguás e o casal de golfinhos que volta, todas as tardes, para nadar no rasiño.

Uma historiazinha prosaica acontecida nesses dias. Thiago nos contou de sua dificuldade para encontrar sapatos brancos que fossem ao mesmo tempo bonitos e confortáveis. Fiz o contorno do seu pé em papelão e encomendei ao Santiago, sapateiro artesão que à época tinha seu ateliê na Rua David Carneiro, um calçado branco de finíssima pelica. Gostava de imaginar os pés de barro do meu ídolo calçados nele, em suas andanças pela floresta. E pelo mundo, durante o tempo em que as pernas ainda lhe chegassem para tanto.

Alguns meses depois, Luiz morreu em um acidente de carro.

Comunicar isso ao *viejo* foi um dos momentos mais lancinantes daquela madrugada.

Na semana seguinte, despachei para Barreirinha uma caixa com o sapato artesanal e a japona quase branca, que já era quase dele.

POLIFONIA

No ano seguinte, em São Paulo, o *viejo* lançou *Campo de Milagres*, seu segundo último livro. [Pelas minhas contas, o definitivo último livro só acontecerá em 2015, o *Acerto de Contas*]. Encontramo-nos para almoçar, antes da tarde de autógrafos. Ele trazia embaixo do braço, pronto e assinado, o meu exemplar.

*para Etelvina, minha companheira de poesia, na
benção de sua amizade, a ternura do Thiago*

Para além da dedicatória, a orelha trazia

*Algumas palavras sobre Thiago de Mello, à guisa de
uma biografia polifônica,*

a coletânea de citações que eu tinha compilado para o material de divulgação da FCC no ano anterior. Ainda hoje, vez por outra volto aos parágrafos de Otto Maria Carpeaux, Sérgio Milliet, Alceu Amoroso Lima, Manuel Bandeira, Pablo Neruda, Paulo Freire, Carlos Heitor Cony (entre outros), como testemunho cronológico da caminhada do homem que atravessou sete décadas diuturnamente a serviço da poesia. Nesse dia, Thiago voltou a me cobrar a publicação dos meus poemas.

Apenas em 2000 voltamos a nos encontrar, no Rio de Janeiro, quando começávamos a gravar o CD que viria a ser encartado no meu — finalmente! — *Artigo Oitavo* — poesia escrita, falada e cantada. Thiago gravaria comigo a faixa em que meu “Lira de teus Sentent´anos” dialoga, tributário, com alguns artigos d’“Os Estatutos do Homem”.

Somente dois anos depois, na lerdeza das produções independentes, viria a acontecer o meu baile. Lancei o livro + CD no dia dos *meus* cinquent´anos. Thiago e Aparecida estavam lá. Em “Palavras Escritas na Água”, meu *viejo* padrinho afirmava

*...não escondo que escrevo comovido. Tocado por
essa alegria que é uma espécie inefável de felicidade que
só a beleza da arte pode dar,*

no prefácio que, dizia,

*...não passa de um punhado de escamas esmaltadas,
que recobrem a pele destas águas.*

Cinderelei.

LÍRIO E RIO

Aos onze dias da morte de Thiago de Mello, recebo a notícia da partida — prematura — de Daniel Taubkin. Foi impossível não unir os dois pontos.

Conheci Daniel em São Paulo, no Sesc Pompeia, assistindo a um show de amigos comuns, em 2003. Disse a ele da minha admiração pelo seu *BRAZIL*, CD de 1998, que eu ouvira recentemente. Dei para ele um exemplar do *Artigo Oitavo* que eu levava na bolsa; nossos trabalhos tinham em comum uma faixa com a voz de Thiago de Mello. Mencionei, então, que na manhã seguinte eu embarcaria para Manaus, para dali seguir a Parintins e, finalmente, a Barreirinha, onde Thiago e Aparecida me esperavam.

Naquela madrugada Daniel levou o *BRAZIL* ao hotel onde eu estava hospedada, para que eu o entregasse a Thiago.

Fui de avião até Parintins, com uma demorada conexão em Manaus. No aeroporto, me esperava Ribeirinho, cearense de Sobral vivendo no Amazonas havia 27 anos. Recomendada por Thiago, de quem era devoto — como as dezenas de outras pessoas que eu viria a encontrar nos dias seguintes —, me mostrou, em menos de 24 horas, uma Parintins que, desconfio, eu não teria enxergado a não ser através dos olhos dele. Era o dia da festa da padroeira, dia seguinte à festa do boi. Caprichoso de coração, me conduziu por uma cidade dividida entre o azul de seu boi, sem deixar de me apresentar o vermelho do rival Garantido. Levou-me ao galpão onde descansava da farrá da véspera a estatuária singularmente bela. Levou-me às feiras e me indicou a quermesse montada rente ao muro do cemitério.

No dia seguinte embarquei rio acima para Barreirinha. Comprara uma rede. Embora a viagem fosse relativamente curta, cerca de quatro horas, eu não queria deixar de viver a experiência de fazê-la à maneira da terra. Mal tinha amarrado a minha a uma das estacas, o filho do dono do barco veio falar comigo. Era eu a mulher que estava indo para a casa do poeta? Pois o pai tinha

recebido recomendação expressa para que me colocasse à disposição a suíte do capitão, um quartinho com cama, lençóis limpos e ventilador. Foi um pouco embaraçoso declinar de tal prerrogativa, mas a viagem a bordo da rede me recompensou com horizontes inacreditáveis, o barulho do rio e da floresta e um único boto que veio se mostrar a mim, a ocupante estrangeira do barco. Possivelmente, mais uma das encomendas do *viejo*, para me alimentar o deslumbramento.

Aparecida me esperava no trapiche. A casa deles, na Rua da Frente, ficava a dezoito passos da barranca do rio Amazonas; contei. Mais à noitinha, na sala com janelas abertas para o murmúrio da correnteza, compartilhei com um emocionado Thiago sua primeira audição de “Lírio — Uma Pequena Suíte Cabocla”, a faixa do CD de Daniel Taubkin.

*Ser capaz, como um rio que leva sozinho
a canoa que cansa, de servir de caminho para a esperança.*

Nesses dias em Barreirinha, andei a um palmo do chão. Passeei pela cidade a espiar para dentro das casas pelas janelas baixas; conheci a biblioteca do Porantim, construção do poeta em favor da cidade; na mesa da cozinha, comi peixes deliciosos com Thiago e Aparecida. O indefectível uísque nosso de cada noite era embalado por histórias — sempre hilárias — acontecidas na companhia de Zé Lins, Bandeira, Neruda. Era surreal demais estar ali, ouvindo fofocas sobre pessoas que eu nem tinha a certeza de terem realmente existido, como se isso fosse a coisa mais natural do mundo.

Mas nem só de literatura se faziam esses afagos. Contei para eles que, durante minha escala em Manaus, em vez de almoçar, tinha ficado na sorveteria provando todos os sabores das frutas que desconhecia, com destaque para a jaca que, embora conhecesse — e amasse — nunca antes tinha experimentado em forma de

sorvete. Foi a senha para que, no dia seguinte, uma jaca rescendendo de madura se materializasse na prateleira principal da geladeira, à disposição da minha gula a qualquer hora do dia ou da noite.

Thiago quis me mostrar os lugares das aparições do Jonas. Subimos o rio Andirá a bordo de uma voadeira pilotada pelo *viejo*, ele mesmo, no mais belo pôr de sol de toda a minha vida. Na boca da noite, atordoada de rio, pássaros e floresta, ouvi a voz do sino de vento a me anunciar que estávamos chegando. Ali estava Flor da Mata, a casa de Lúcio Costa, a enorme varanda equilibrada sobre esteios de madeira, com o rio a correr por debaixo

*...quem eu vejo debruçado
no parapeito da casa? Quem?
Ora, quem, o Jonas,
com jeito de quem espera...*

Comemos, bebemos, lavamos a louça com areia da beira do rio, ainda uma vez rimos desbragadamente com as histórias do *viejo*, nadamos no Andirá, zombaram do meu medo das arraias. O resto do tempo lemos em silêncio, nas redes penduradas no varandão.

Vivi, ainda, o encantamento de reencontrar meu quadro de ponto de cruz — trabalho manual de comadre — lado a lado com a galeria de obras de arte que Thiago colecionava na edícula ao lado da Flor da Mata.

Desses dias trouxe, ainda, para o resto da vida, a alegria da Joanice, a fiel escudeira responsável pelo gosto dos peixes inesquecíveis, cabocla bonita que até hoje me honra com o tempero da sua amizade.

MANDUKA

Nesse mesmo ano, aos 52, morreu Manduka, batizado Manuel como o padrinho Bandeira. O primogênito, a quem Thiago saudara com os

*...adultos olhos secos
já quase afeitos à treva,
de repente se iluminam
ante a luz das alvoradas
que te despontam das mãos.*

A dor de Thiago era dilacerante. Naqueles dias, pensei que o *viejo* se iria logo em seguida. Jamais pensei que pudesse sobreviver a esta perda por mais de 17 anos. Sobreviveu, mas não tenho dúvidas de que parte de sua alegria ficou enterrada ali.

Nos meses que se seguiram à morte do Jonas, muito antes que Thiago entrasse na nossa vida, alguém tinha me mostrado o “Acalanto para as Mães que Perderam o seu Menino” de Bandeira, que passou a fazer parte do meu acervo-de-consolo para momentos críticos, ao lado de outros dois poemas, de Cecília Meirelles e Fernando Pessoa. Nesses dias subsequentes à morte do Manduka, escrevi a letra-colagem “Acalanto de Manuel”, a partir desses versos do seu padrinho, sobre melodia de Davi Sartori.

*Adolescente para sempre, hoje ele te diz
de todas as idades que viveu
Te traz a aurora da primeira vez que te sorriu
te traz o esmalte do primeiro dente seu
Ele te nina e essa dor já vai passar
Agora dorme, que essa dor já vai passar*

Thiago e eu nos tornávamos parentes na dor sem cura e sem sentido de testemunhar a partida do filho.

NOVENT´ANOS

Noves fora alguns e-mails e telefonemas, só voltei a encontrar Thiago na festa dos seus 90 anos, em São Paulo, na Biblioteca Mário de Andrade. Fui convidada por Fernanda de Almeida Prado, militante da poesia, filha de Antônio Lázaro de Almeida Prado. Na apresentação de *Poesia Sempre*, livro de Antônio Lázaro, o *viejo* escrevera

Quero fazer um gesto de amor para um poeta que chega cantando na minha vida. [...] me deu a felicidade inefável, que só a verdadeira poesia sabe inventar.

Para essa noite, reciclei e ofereci ao meu poeta, passados vinte anos, a “Lira dos teus Setent´anos”.

Guardo o sorriso largo e o espanto deleitado do seu olhar quando subi ao palco [a lista de convidados era uma surpresa para ele] e o abraço amoroso com que me retribuiu. Logo depois atendia à multidão dos seus leitores. Apresentei-lhe Lucélia Reis, que naquele momento escrevia *Penélope pelo Avesso*, uma dramaturgia que viria a ser montada pela Comparsaria Cênica no ano seguinte, baseada nos poemas do *Artigo Oitavo* e suas epígrafes, de autoria de Thiago. A atriz lhe pedia autorização. O *viejo* abençoou o trabalho com um largo e estreito abraço que nos envolveu a ambas. Foi a última vez em que estive com ele.

Em 2018, Fernanda me contou que o Prêmio Jabuti homenagearia Thiago de Mello pelo conjunto de sua obra. Decidi-me por não ir, quando soube que o *viejo*, com a saúde debilitada, não estaria lá. Hoje, ao mesmo tempo que me arrependo, penso que o que me deteve foi um travo de ressentimento pelo fato de que ele nunca tenha recebido a premiação em sua vigília atuante de mais de seis décadas de poesia. Da mesma forma, a Bienal de 2021 usou como mote o seu verso “Faz Escuro Mas Eu Canto”, em um momento em que já escurecera a potência do seu canto.

Flores em vida. *Pero no mucho.*

MEUS SENTIMENTOS

O resto foi a postergação da ida a Manaus e a pandemia. Acordei, há um mês, com a notícia da morte de Thiago. Alentou-me saber que morreu em casa. Tive, sobretudo, uma estranha e muito egóica sensação de consolo quando comecei a receber, às dezenas, mensagens de amigos que se lembraram de mim ao receber a notícia.

Tenho ouvido e lido por aí que a poesia militante de Thiago de Mello carimbou a sua produção. Capaz que seja. Há, no entanto, aquelas sete décadas de poesia a serem revisitadas. Sem ferramentas para esta conversa, mergulho novamente com coração e vísceras nos meus poemas favoritos; penso outra vez que a obra de Thiago foi um bocadinho mais do que “Os Estatutos do Homem”.

Na definição certeira de Claudio Leal, Thiago de Mello foi um homem que “habitava sua linguagem”. Viveu cada um dos episódios de sua longa vida em estado de poesia. Ele próprio, aliás, já em *Silêncio e Palavra*, o primeiro livro, em 1951 deixara resolvida a equação

*Somente sou quando em verso.
Minha faces mais diversas são labirintos antigos
que me confundem e perdem*

É também desse livro o “Romance de Salatiel” que — me ensina o *Google* — é, no Antigo Testamento, um arcanjo que está dia e noite orando pelo bem entre os homens. Desconheço se o personagem de Thiago é anjo ou gente, vai saber. O fato é que a morte de Salatiel deu ao poeta inaugural o mote para o exercício da sua reflexão particular sobre a morte e renunciava a qualidade de suas transcendências, a espécie de panteísmo *mezzo caboclo mezzo erudito* que praticou.

[O VELÓRIO]

*Se foi triste, se não foi,
se gostou de olhar o azul,
se sofreu por desamor,
se digeriu a contento,
se procurou Deus (achou-o?),
não conta mais. Salatiel
já é matéria sem ganga
que se oferta, horizontal,
aos olhares e aos pêsames...
[...]*

[O SEPULCRO]

*Na clareira de treva
em que o tempo não conta
e onde o brilho de luas
afoga-se em argila,
os vermes já circundam
a carne recém-vinda...
[...]*

[EPÍLOGO]

*[...]
Salatiel não-sendo, desconhece
a exata perfeição do que não é,
e integra-se à paisagem absoluta
onde nem sombras há das três colunas
suportes do planalto que assegura
o repouso dos deuses fatigados:
constante prolongar do dia sétimo.
[...]
é substância de nuvem: sem sabê-lo,
azula a arquitetura do vazio.*

Tardiamente, compreendo a presença do Jonas na proa do barco de Thiago, maravilha pagã isenta de qualquer intermediação divina.

A CASA E O PAI

Em 25 anos, eu nunca conseguira dizer em voz alta, em público, o poema “O Jonas Viaja comigo”. Em março do ano passado, Fernanda — sempre ela, *benzadeus!* — promoveu, em seu “Chama Poética”, uma láive na celebração dos 95 anos de Thiago de Mello. Pela primeira vez vocalizei os versos. Reencontrei, naquela noite, Ciro Figueiredo e Thiago Thiago.

Deve haver por aí dezenas de histórias parecidas com esta minha. Quantos e quais aspirantes a poetas terá Thiago de Mello botado para trabalhar? Para quantos livros, como os de Aníbal, Ciro, Antônio Lázaro e o meu, lidos *no silêncio da floresta*, terá escrito prefácios e apresentações, ainda que *poesia de mesmo não tenha precisão dessas ajudas*? Com quem mais terá repartido sua vida em abundância?

Pois neste momento, enquanto *azula a arquitetura* do meu céu, Thiago segue atuando na minha vida. Durante o confinamento da pandemia, finalmente me atraquei a sério com velhos guardados, tentando acomodar o caos do passado em pastas. Dia sim, dia não me martirizei pela incapacidade de jogar coisas fora. Hoje, aberta esta gaveta cheia de tempo e afeto, manuseio fotos, cartas, recortes de jornal, o *voucher* da reserva do hotel em que Thiago e Aparecida se hospedaram em 2002, anotações manuscritas nas beiradas de programas amarelados, o velho LP da parceria com o irmão Gaudêncio, o encarte do CD de Daniel Taubkin, e me reconcilio definitivamente com a guardadeira contumaz que me possibilita recuperar esta história, em níveis sensoriais.

Amadeu Thiago de Mello se foi, enquanto dormia. Escreveu, tecido de silêncio, seu verso definitivo. Thiago Thiago de Mello, o filho menor, esteve a seu lado, cantando para adormecer o velho barqueiro. Neste mês de ressignificados, escrevemos juntos a canção “Casa e Pai”.

*Tomo a embarcação
cais que me constitui
chão, Barreirinha
vida que flui:
barrancas de meu pai
Olhos na imensidão
dos céus que tem por lá
povo, floresta
Rio Andirá:
as águas de meu pai*

Fica, no sedimento das águas, a gratidão — essa palavra tão desgastada quanto insubstituível — pelo dia em que, *como um rio*, Thiago de Mello *pasó por mi alma para invitarme a vivir*.

Curitiba, 14 de fevereiro de 2022 <



Etel Frota nasceu em Cornélio Procópio (PR), em 1952. Estudou Medicina e atuou como clínica geral por quase duas décadas. Começou a escrever depois dos 40 anos. Em 2002 lançou *Artigo Oitavo*, livro / CD de poesia escrita, falada e cantada. Sua produção como letrista de canções abrange uma enorme gama de gêneros musicais — do erudito à música caipira. Em 2017 lançou seu primeiro romance, *O Herói Provisório*. Ocupa a cadeira 22 da Academia Paranaense de Letras. Vive em Curitiba (PR).

EXPEDIENTE

Governador do Estado do Paraná

Carlos Massa Ratinho Junior

Secretário da Comunicação Social e da Cultura

João Evaristo Debiasi

Superintendente-geral da Cultura

Luciana Casagrande Pereira

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Luiz Felipe Leprevost

Editor

Omar Godoy

Redatores

Hiago Rizzi

Isabella Serena

Luiz Felipe Cunha

Design Gráfico

Rita Solieri

Diagramação

Ctrl S Comunicação

Colaboradores desta edição

Etel Frota

Jessica Stori

Marcos Pamplona

Michele Micheletto

Ilustração de capa

Natasha Tinet



Cândido

imprensa@bpp.pr.gov.br

candido.bpp.pr.com.br

[instagram.com/candidobpp](https://www.instagram.com/candidobpp)

